

Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea

Urban amiability: marks of temporary interventions in the contemporary city

Adriana Sansão Fontes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

adrianasansao@gmail.com

Resumo. Este artigo tem como objetivos apresentar o conceito de *amabilidade urbana* como uma *nova forma de compreender o espaço*, e discutir, particularmente, a *sua ancoragem no espaço físico* da cidade contemporânea. Essa argumentação se dá através da construção teórica do conceito, e da verificação de sua concretude em *intervenções temporárias* nas cidades do Rio de Janeiro, Barcelona e Girona. A amabilidade urbana é uma qualidade específica do espaço público submetido a uma intervenção temporária. Trata-se de um atributo espacial que se manifesta através de conexões e interações entre pessoas e espaço, opondo-se ao individualismo que por muitas vezes caracteriza as formas de convívio coletivo contemporâneas. Enquanto a intervenção temporária representa uma ruptura positiva na linha contínua da vida cotidiana, a amabilidade representa a ruptura de hábitos individuais cristalizados no espaço coletivo, e surge como um importante legado das intervenções temporárias praticadas nos espaços coletivos. Esse aporte teórico pode contribuir para o projeto de novos espaços coletivos que permitam, e estimulem, mais intervenções temporárias, sempre visando à cidade como a reunião de espaços coletivos mais amáveis.

Palavras chave. Amabilidade; intervenções temporárias; espaços coletivos; cidade contemporânea.

Abstract. This article aims to present the concept of urban amiability as a new way of comprehending space, and particularly discuss its concretion in the physical space of the contemporary city. This discussion operates through the construction of the theoretical concept, and its analysis in some temporary interventions in the cities of Rio de Janeiro, Barcelona and Girona. Urban amiability is a specific quality of the public space submitted to a temporary intervention. It is a physical attribute that is manifested through the connections and interactions between people and space, as opposed to individualism that often characterizes the contemporary forms of collective living. While the temporary intervention represents a positive break from everyday life, amiability means the breaking of individual habits crystallized in the collective space, which emerges as an important legacy of temporary interventions practiced in collective spaces. This deduction may contribute to the design of new collective spaces that allow and encourage more temporary interventions, always viewing the city as the meeting of better qualified collective spaces.

Keywords. Amiability; temporary interventions; collective spaces; contemporary city.

Habitar significa deixar rastros
Walter Benjamin (1982)

Introdução

O espaço público submetido a uma intervenção temporária revela uma qualidade urbana específica que denomino como amabilidade. Trata-se de um atributo espacial que se manifesta a través de conexões e interações entre pessoas e espaço, opondo-se ao individualismo que por muitas vezes caracteriza as formas de convívio coletivo contemporâneas. A amabilidade urbana é uma qualidade possível e alcançável, e, neste trabalho, defendo que ela pode ser motivada pela potência das intervenções temporárias nos espaços públicos.

Segundo Gilles Lipovetski (1989), “a sedução e o efêmero tornaram-se, em menos de meio século, os princípios organizadores da vida coletiva moderna”, e que, dados seus efeitos ambíguos, é importante trabalhar para reduzir sua inclinação obscurantista –o efêmero

como alienação pura- e aumentar sua inclinação esclarecida, utilizando-se de suas potencialidades libertadoras.

Parto da premissa de que a sociedade contemporânea vive em um momento específico de alta modernidade, período que se reveste de características de transitoriedade, em várias esferas das relações sociais e econômicas, que imprime alguns traços característicos aos espaços da vida coletiva, como a sensação de hostilidade, o individualismo e as relações superficiais, aspectos que considero negativos, derivados de um quadro de alienação contemporânea.

As intervenções temporárias são aqui entendidas como as ações que se movem no âmbito do transitório, do pequeno, das relações sociais, que envolvem a participação, ação, interação e subversão, e que são motivadas por situações existentes e particulares do contexto urbano, em contraposição ao projeto standardizado, caro, permanente e de grande escala, o 'grande evento'. Diferentemente dos usos cotidianos na cidade, *as intervenções são ações que contém a intenção de transformação do espaço*, são o que Henri Lefebvre (2004) denomina como "os instantes de ruptura e iluminação que revelam as possibilidades transformadoras do cotidiano".¹ Elas funcionam, nesse sentido, como motores de relações de proximidade e intimidade, tanto com o próprio espaço, quanto na relação entre os indivíduos [amabilidade], atuando reativamente contra esse desfavorável estado de alienação pura.

Considero, por outro lado, que essas intervenções temporárias ancoram-se na condição de efemeridade, muitas vezes como expressões ou reflexos da patente aceleração da vida contemporânea e da leveza e liberdade com que nela se move o ser humano, constituindo sua condição favorável: *o efêmero como sinal de liberdade e válvula de escape do indivíduo*, o que corresponderia às potencialidades libertadoras colocadas por Lipovetsky.

Objetivo, portanto, discutir o conceito de amabilidade urbana como uma nova forma de compreender o espaço, que surge como um importante legado das intervenções temporárias praticadas nos espaços coletivos, e defender particularmente sua ancoragem no espaço físico da cidade contemporânea.

Afinal, o que é a amabilidade?

Defino a amabilidade urbana como a qualidade que *surge da articulação entre as características físicas do lugar, as intervenções temporárias que ocorrem sobre este espaço e as pessoas que o utilizam e se conectam*, sendo um conceito formado, portanto, pelas dimensões física, temporal e social.

¹ Essa diferença entre intervenções temporárias, usos cotidianos e grandes eventos é muito importante para a compreensão da escolha dos casos analisados. As intervenções temporárias, defendidas nessa pesquisa, situam-se, em uma escala de 'tamanhos' do que é temporário na cidade, entre os usos cotidianos (pequenos, espontâneos e constantes) e os grandes eventos (grandes, projetados, eventuais). Portanto, não estou tratando de usos, mas sim de intervenções.

Genericamente, o termo amabilidade significa a ação ou a qualidade de amável, o ato ou estado de comportamento que pressupõe a generosidade ou a cortesia com o outro. É um termo que evoca a 'proximidade' e a 'abertura', seja neste uso corrente, seja aplicado aos espaços urbanos, tal e qual aqui desejo cunhá-lo: a *amabilidade urbana*. Nesse sentido, poderia considerá-la como um atributo do espaço amável, daquele que promove ou facilita a proximidade, opondo-se ao individualismo por muitas vezes característico das formas de convívio coletivo contemporâneas.

Iniciando uma revisão do termo, encontro algo semelhante em Gaston Bachelard (1957), que, em *A Poética do Espaço*, se utiliza do termo 'espaço feliz', para representar o espaço de posse, amado e definido contra forças adversas. Criando o conceito de topofilia, o autor procura debruçar-se sobre o valor humano dos espaços felizes, detendo-se nos espaços da intimidade, habitados, ou nos lugares físicos da vida íntima. Segundo ele, todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção da casa, no sentido básico de abrigo, estando o espaço feliz, portanto, relacionado a atributos como intimidade, proteção, refúgio, centralidade e conforto, tudo o que remete à idéia essencial de abrigo.

Assim como Bachelard descarta os espaços da hostilidade, concentrando-se em verificar como o espaço expressa um sentimento, neste caso um sentimento feliz, *também me interessam os espaços 'positivos' capazes de manifestar a amabilidade*, e para verificá-lo vou debruçar-me sobre as intervenções temporárias. Os espaços amáveis que ocuparão estas páginas são os lugares onde a amabilidade se manifesta, e para que isso aconteça, são necessários alguns atributos específicos que, comunicativos e atraentes, os tornam 'apropriáveis' pelas intervenções: elas só se desencadearão caso exista no espaço algum componente de atração. Determinadas características físicas podem resultar tanto em um espaço hostil quanto em um espaço potencialmente atraente. A qualidade urbana se cria, portanto, através da união dos atributos do lugar.

Como a amabilidade se manifesta?

Henry Shaftoe (2008, p. 6) denomina como *convivial public spaces* [espaços públicos de convivência] a categoria de espaços públicos que corresponderiam ao coração da vida democrática, e os últimos locais onde ainda é possível confrontar-se com a diferença e aprender a entender e tolerar outras pessoas. Segundo ele, não há uma fórmula para o espaço público de convívio, mas sim alguns elementos comuns de ordem física, geográfica, sensorial, psicológica e de gestão, subdivididos em uma série detalhada de atributos². Baseado em pesquisas de campo, ele concluiu que a combinação desses atributos

² Eis os atributos listados pelo autor: quantidade de espaços para sentar, qualidade material, adaptabilidade, proporcionada assimetria, detalhamento variado, apropriadas superfícies e tamanho médio [atributos físicos]; localização, tipo de vizinhança, sequência espacial e acessibilidade [atributos geográficos]; diversidade de usos, controle equilibrado, inclusão, manutenção, limpeza, proibição de tráfego motorizado e animação [atributos de gestão]; e escala humana, singularidade, sensação de segurança, conforto ambiental, visibilidade, elementos naturais, qualidade acústica e 'olfática' e oportunidades de comida e bebida [atributos sensoriais e psicológicos].

possibilitaria o sucesso do espaço como um lugar de convivência plena. Assim como Shaftoe, outros autores como William H. White (1980) e Jan Gehl (2004) já exploraram o tema do bom espaço público, partindo da análise física e através de diferentes métodos. Não é minha intenção propor algo de mesma natureza –inclusive porque os autores citados estudam os usos cotidianos, enquanto o objeto em questão neste artigo são as intervenções temporárias– mas sim reconhecer na relação lugar–intervenção uma associação capaz de motivar a amabilidade urbana.

Dennis Frenchman (2004), em sua pesquisa *Event Places*, que trata dos eventos emblemáticos norte-americanos e suas relações com a transformação dos lugares, enumera uma série de ‘lições’ para a criação de um bom lugar-evento. Entre elas, menciona a conexão entre a forma e as atividades, que envolveria os seguintes atributos: o território fisicamente limitado; a intimidade possibilitada pela compressão das pessoas em um mesmo espaço; a granularidade³ ou multiplicidade de nós de atividades; a triangulação possibilitada por um terceiro elemento que conecta dois desconhecidos; o movimento dos usuários pelo espaço [passeio/percurso] transformando observadores em performers; a pequena escala que possibilita intimidade, granularidade e triangulação; e o estímulo aos sentidos, ou sensibilidade, todas elas características físicas mais interpretativas do que descritivas. Da mesma forma, portanto, o autor identifica a existência de uma relação simbiótica entre o espaço físico e o evento que nele se desenvolverá.

Sendo assim, *a possibilidade da amabilidade se transforma em uma situação real quando ocorre sobre um espaço potencialmente atraente⁴ uma intervenção temporária bem sucedida, tornando-o um espaço amável*. O espaço deixa de ser um ‘objeto’⁵ quando ocorre algo que o transforma em um espaço habitado, que passa a fazer parte da memória coletiva do lugar. Milton Santos (2005) já havia dito que o lugar é a oportunidade do evento, e que este, ao se tornar espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. “É como se a flecha do tempo se entortasse no contacto com o lugar. O evento é, ao mesmo tempo, deformante e deformado” (Santos, 2008, p. 163). É este o momento da manifestação da amabilidade, quando o espaço físico se transforma em espaço social na ocorrência da intervenção. Cabe ressaltar que o espaço, com suas características atraentes, está no comando, pois sem ele não se torna real a possibilidade de intervenção.

³ A granularidade corresponderia à sobreposição de potenciais de interação, tanto dentro do espaço como através do evento. Poderia ser incorporada ao projeto de um lugar-evento através de uma rede de espaços com múltiplas experiências.

⁴ O potencial de atração de um espaço não pode ser definido em categorias fixas ou universais. As intervenções temporárias, enquanto ações questionadoras e transformadoras de lugares, através de seus agentes podem reconhecer como atraentes lugares com características que não os fariam atraentes para, por exemplo, os usos cotidianos. O espaço é potencialmente atraente ‘para algo’ e ‘para alguém’, e isso está relacionado a alguma forma de apropriação do mesmo para alcançar algum fim. Portanto, os atributos de um espaço potencialmente atraente para a intervenção temporária devem ser determinados empiricamente, caso a caso.

⁵ Objeto no sentido Bachelariano do termo. Em seu estudo fenomenológico sobre os valores da intimidade da casa, o autor coloca que esta não deve ser considerada como um objeto sobre o qual pudéssemos fazer reagir julgamentos e devaneios, e que é preciso superar os problemas da descrição para se atingir as virtudes primeiras.

Teria a amabilidade relação com as características físicas do lugar, com as intervenções temporárias ou com as pessoas que o utilizam?

Sobre as características físicas

Kevin Lynch (1981), ao eleger as condições de desempenho da boa forma urbana, buscou eliminar as variáveis onde fosse difícil medir o alcance ou cuja dependência da forma urbana não estava demonstrada, o que para ele significava um valor débil. Quando abordo a amabilidade como qualidade espacial, preliminarmente poderia considerá-la inserida nesta categoria, já que sua experiência está mais relacionada, a priori, à dimensão social do que à

forma física da cidade. *A intenção desta pesquisa, entretanto, é demonstrar que este conceito não está fora do domínio da forma física.*

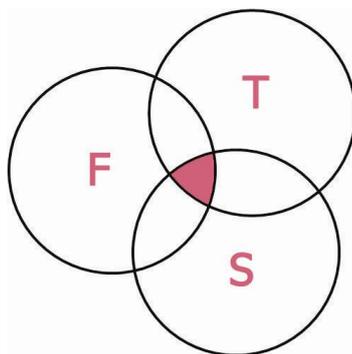


Figura 1. Amabilidade como articulação das dimensões física, temporal e social

(Fonte: autora.)

A amabilidade é um conceito de dupla formação. Relaciona-se tanto à criação de vínculos entre a pessoa e o espaço [*intervenção temporária como intensificadora dos atributos físicos e potencial 'reformatadora' do lugar*], como às conexões entre as pessoas, conexões que podem se manifestar através de encontros, intercâmbios, cumplicidades e energias, e que reagem ao individualismo e à hostilidade que caracterizam as formas de

convívio coletivo contemporâneas. De certa maneira, trata da expansão da idéia da intimidade para os espaços urbanos contemporâneos.

A amabilidade, portanto, *é uma qualidade física e social ao mesmo tempo*: poderia considerá-la como resultado da soma do contexto físico [espaço potencialmente atraente] com o contexto social [pessoas], que se unem através da presença da intervenção temporária [e com isso reforço a *importância do contexto físico atraente*, indispensável para a intervenção 'sob medida' nos lugares]. Graficamente, poderia ser representada por um triângulo em cujos vértices estão o espaço/tempo [lugar/intervenção] e as pessoas (ver figs. 2 e 4). Ressalto que desejo apresentar a amabilidade como uma nova forma de compreender o espaço, demonstrando a sua dependência do contexto urbano.



Figura 2. Processo de manifestação da amabilidade: a intervenção reformata o espaço e promove conexões
Fonte: autora.

Sobre as intervenções

Faço aqui uma analogia desse tema com as idéias de Christopher Alexander et al. (1965) sobre a retícula, princípio ordenador abstrato das cidades do passado. Segundo o autor, o esquema da retícula oferece uma grande quantidade de conexões entre elementos, o que a opõe ao rígido esquema da árvore⁶. Exemplifica este argumento através de uma análise do que supostamente pode ocorrer em um cruzamento de ruas: a existência, em dado cruzamento, de uma reunião de elementos materiais que colaboram de algum modo uns com os outros –como uma banca de jornal, um semáforo e um grupo de pessoas que espera para atravessar a rua– possibilita a formação de um sistema onde as pessoas podem olhar os jornais pendurados enquanto esperam que o semáforo fique vermelho. Este sistema possui uma parte fisicamente invariável [semáforo, banca] com a qual podem colaborar as partes variáveis do mesmo [pessoas]. Desse modo, a forma urbana em si mesma, sua estrutura básica, funciona como o suporte para que os elementos móveis possam conectar-se. Para criar este esquema e comprovar sua hipótese, o autor recorreu a diagramas matemáticos facilmente compreensíveis.

De forma semelhante, outro tipo de conexão possível vem da inserção temporária de um novo elemento ou sistema em um espaço público predeterminado. Tal espaço, com suas funções prévias, passa a desenvolver outra atividade, estranha a este lugar embora compatível, permitindo sua ativação através de novas conexões entre pessoas⁷. A presença da intervenção temporária pode permitir a conexão, como diria Alexander, “entre partes fixas e móveis e também entre as partes móveis mesmas”, ou seja, entre as pessoas, permitindo que se manifeste a amabilidade. Ao mesmo tempo em que a intervenção interage com as pessoas, faz também com que estas interajam entre si, aproximando-as,

⁶ Ver “La ciudad no es un árbol”. Não aprofundarei nesse conceito uma vez que não é a finalidade deste artigo.

⁷ White (1980) lida com essa idéia, e, através dos estudos dos espaços públicos de Nova York, comprova que a simples ‘colocação ou retirada’ de um elemento de uma praça altera seu desempenho como espaço público de vitalidade e aceitabilidade pelos usuários. Os elementos podem englobar esculturas, vendedores ambulantes de comida, músicos de rua ou mesmo algum mobiliário urbano.

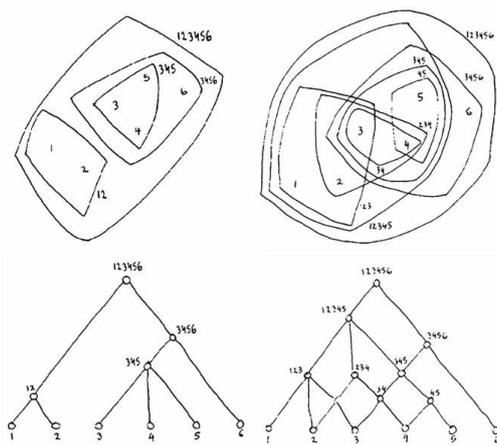


Figura 3. Esquema árvore x retícula
Fonte: Alexander (1965)

conversação, promovendo a conexão entre elas como se fossem conhecidas. O estímulo pode ser outra pessoa, um grupo, um objeto, uma visada... Não é a excelência do ato o que importa, mas o fato de ele acontecer e reunir pessoas estranhas. Segundo o autor, a presença de 'personalidades' urbanas em um espaço público, por exemplo, pode desencadear a triangulação, sendo uma forma de torná-los mais amigáveis.



Figura 4. Esquema da amabilidade. Fonte: autora.

vitalizando os espaços e dando origem a um novo ciclo que se autoalimenta, uma vez que a amabilidade pode permitir novas intervenções, que vão gerar espaços cada vez mais amáveis, e assim sucessivamente. Assim como o exemplo de Alexander, esta situação também pode ser ilustrada através de diagramas.

Sobre as pessoas

Este diagrama tem correspondência com o conceito de White (1980) de triangulação, processo onde um estímulo externo faz com que duas pessoas estranhas iniciem uma conversa, promovendo a conexão entre elas como se fossem conhecidas. O estímulo pode ser outra pessoa, um grupo, um objeto, uma visada... Não é a excelência do ato o que importa, mas o fato de ele acontecer e reunir pessoas estranhas. Segundo o autor, a presença de 'personalidades' urbanas em um espaço público, por exemplo, pode desencadear a triangulação, sendo uma forma de torná-los mais amigáveis.

Outros autores como Gehl (2004) e Frenchman (2004) consideram a triangulação de White como uma das responsáveis pela qualidade urbana de um espaço público. Segundo o primeiro, acontecimentos inesperados ou infrequentes como, por exemplo, os atores de rua, servem para que se inicie uma conversa entre estranhos no espaço público. O 'público', surpreendido pela quebra na rotina, acaba tendo algo sobre o que falar com o desconhecido a seu lado. Já Frenchman, como foi mencionado, coloca a triangulação como um dos atributos para se criar um bom lugar – evento.

As relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas relações mútuas, como se vêem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam. (Sennett, 1997, p.17).

Quando trata da experiência corporal na

cidade, Sennett (1997, p.17) chama atenção para os corpos passivos que povoam a cidade contemporânea, cuja insensibilidade ao mundo real é em muito causada pela experiência da velocidade. Em dado momento, o autor pergunta (1997, p. 303): “como escapar da passividade corporal? O que estimulará a maioria de nós a voltar-se para fora em direção ao próximo, para vivenciar o Outro?” Poderia responder a esta provocação, uma das questões que inclusive originaram este trabalho, defendendo que as intervenções temporárias são uma das formas de se despertar esta conexão, ‘ativando’ os corpos passivos e reduzindo o espaço pessoal entre eles.

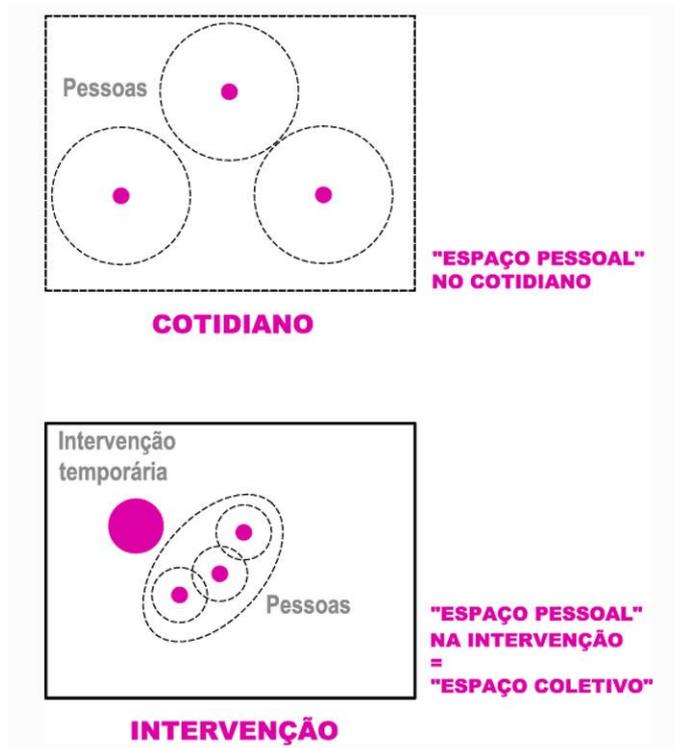


Figura 5. Redução do espaço pessoal no momento da intervenção temporária. (Fonte: autora)

amabilidade se manifeste é necessária a existência de um espaço coletivo [potencialmente atraente para alguém], a intervenção temporária [deste alguém] sobre este espaço, e a consequente triangulação [lugar/intervenção+pessoas], esta última subentendendo a aproximação e a ‘intimidade’ entre os envolvidos, reduzindo a distância pessoal cotidiana.

Alexander (1977), em *A Pattern Language*, define alguns padrões que se relacionam ao que defendo como intervenção temporária, entre eles o de número 63 – dançando na rua [*dancing in the street*], e o 147 - refeição comunitária [*communal eating*], ambas as atitudes passíveis de promover a amabilidade. Sobre o primeiro, o autor pergunta: “Por que as pessoas não dançam mais nas ruas?”, afirmando que essa atitude equivale a uma alegria perdida diante da modernização das cidades, onde as pessoas se sentem desconfortáveis nas ruas e são mutuamente hostis. Sua proposta é que se criem plataformas elevadas em

“O espaço pessoal refere-se a uma área com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa, e na qual os estranhos não podem entrar”. Trata-se de um ‘território portátil’ que o indivíduo leva consigo, e que, em certas condições, pode reduzir ou desaparecer (Sommer, 1973, p. 33-35). Segundo Shaftoe (2008, p. 53), o espaço pessoal será determinado [se existe escolha] pelas atividades nas quais as pessoas estão engajadas no espaço público, e no espaço cotidiano, onde pessoas se relacionam mais passivamente, este espaço tende a ser mais amplo do que na situação excepcional da intervenção. Seguindo a lógica de Frenchman, para que a

praças ou passeios, onde artistas ou grupos de pessoas possam se juntar para cantar ou dançar gratuitamente. Sobre o segundo, afirma que nenhum grupo humano pode permanecer unido sem uma refeição coletiva, já que esta desempenha papel vital como forma de juntar as pessoas, fazendo-as sentirem-se membros de um grupo. Sugere que se promovam refeições comunitárias regulares de forma que funcionem como eventos. O autor não faz menção nesse caso ao uso do espaço público como suporte, apesar de ser uma situação bastante usual⁸.

Amabilidade enquanto noção de ‘temporalidade’ que se desdobra nas dimensões física e social

Após o exposto e visando um maior esclarecimento sobre o tema, devo cotejar o conceito de amabilidade com outros recorrentes que se referem à relação positiva entre pessoa e espaço, como, por exemplo, o conceito de apropriação. A expressão ‘apropriação do espaço’, correntemente utilizada por antropólogos, psicólogos, sociólogos e urbanistas, designa as condutas que asseguram aos humanos o manejo afetivo e simbólico de seu espaço (Merlin e Choay, 1988). Apropriar-se de um espaço significa reconhecê-lo como próprio, no sentido de apropriado, apto ou adequado para algo (Delgado, 2008), ou mesmo tomar posse de algo físico ou mental (Merlin e Choay, 1988). Este conceito, porém, pode ter conotação legal ou ilegal em termos jurídicos, o que se reflete no urbanismo como uma ação também de conotação negativa, confirmada pela expressão corriqueira ‘apropriação ilegal’. Ademais, ele não designa as relações entre pessoas, mas unicamente as relações pessoa-lugar, o que o torna inadequado para nomear o conceito aqui discutido.

Por sua vez, o termo ‘vitalidade’ significa qualidade de vital, força vital ou vigor⁹. Alguns textos clássicos do urbanismo do século XX trabalharam com este termo aplicado ao urbanismo de maneiras diferenciadas. Lynch (1981) a utiliza na forma *stricto sensu*, definindo-a como o grau em que a forma da aglomeração populacional suporta as funções vitais, os requisitos biológicos, as capacidades dos seres humanos, e como protege a sobrevivência da espécie, tratando-se de um critério antropocêntrico. Já Jane Jacobs (1961) a associa à vida nas ruas e ao uso intenso dos espaços públicos, relacionando-a a temas como segurança, contato, integração social e diversidade. A definição de Lynch resulta demasiado distante do objetivo do conceito de amabilidade. Já na abordagem de Jacobs, o contato - que pode ser entendido no sentido da conexão que nos referimos - equivaleria a um dos componentes da vitalidade, não podendo os dois termos ser encarados como sinônimos.

Outra verificação de interesse é a comparação com a urbanidade. Esta costuma ser entendida de várias formas, sendo a primeira delas a definição do dicionário do urbanismo e

⁸ Poderia acrescentar outros padrões de Alexander relacionados à amabilidade, entre eles: 30 [nós de atividades], 31 [promenade], 33 [vida noturna], 34 [interconexões], 58 [Carnaval], 61 [pequenos espaços públicos] e 69 [‘compartimentos’ públicos exteriores].

⁹ Segundo acepções de Houaiss (2009).

planejamento, que a considera um conceito de caráter social, e não físico: Pierre Merlin e Françoise Choay (1988) a definem como toda forma análoga de polidez na maneira de se comportar com os outros. Qualidade de indivíduos ou de sociedades que não pode se reportar a agentes físicos, mas que costuma ser usada como sinônimo de ambiente urbano sofisticado. Em texto posterior, Choay (1994) passa a defini-la como o ajuste recíproco de uma forma de tecido urbano com uma forma de convivência. Muitos autores a utilizam com as primeiras acepções de Choay, como Rachel Coutinho (2006, p. 26) que a considera o amálgama da sociedade civil e do controle social. Para ela a urbanidade não significa total integração, uma vez que sempre existiram e continuarão a existir os preconceitos e as diferenças sociais, mas significa aceitação do outro. Urbanidade seria “uma espécie de anomia amigável que permite às pessoas se relacionarem entre si sem terem que trocar experiências ou confidências. (...) A urbanidade permite que os indivíduos possam entrar no jogo de aparências e papéis urbanos que constituem a cidade”. Esta definição é diversa do sentido que proponho para a amabilidade, que se ocupa de contatos físicos mais próximos, intimidade e aproximação, e não somente de um modo de estar na cidade que faz parte de um contrato cotidiano de boas maneiras.

A amabilidade se voltaria mais para o sentido de cordialidade¹⁰, que significa lhanza no trato, hospitalidade, generosidade, todas elas expressões legítimas de fundo emotivo extremamente rico e transbordante, que a tornam diferente de civilidade e de boas maneiras, mais relativas à polidez que caracteriza uma espécie de defesa ante o ‘outro’. Tanto a cordialidade quanto a amabilidade se alinham com o desejo de se estabelecer intimidade. No entanto, na busca de um termo que alinhasse esta feição social à dimensão física do ‘espaço amável’ e à excepcionalidade da intervenção enquanto corte no tempo, optei pelo termo amabilidade. Uma associação interessante, em se tratando do corte do tempo, seria associar *a urbanidade à qualidade de um espaço-tempo cotidiano e a amabilidade de um espaço-tempo da intervenção*.

Entretanto, é exatamente no sentido tangível e material, como condição de ‘coisas urbanas’, que Manuel Solà-Morales (2005) concebe o conceito de urbanidade. Segundo ele, é antiquado definir a urbanidade como qualidade social ou como código de bons costumes que configuram um comportamento civilizado. Ou mesmo como caráter urbano de certos ambientes que resultam reconhecíveis na hora de representar a vida em comum. O conceito de urbanidade para a urbanização contemporânea [global, territorial, híbrida e dispersa] é outro e novo, e reside no equilíbrio adequado entre densidade e mescla, entre construção e atividade, que permite aos residentes da urbe participar e ser parte da sociedade urbana, através da possibilidade de se encontrarem uns com os outros. A urbanidade contemporânea está nas construções materiais capazes de transmitir aos cidadãos a compreensão de três atributos da cidade, que são a simultaneidade, a temporalidade e a diversidade. Resulta da articulação das ‘coisas urbanas’, que não depende das funções ou das atividades, mas da diversidade –densidade qualitativa mais que quantitativa– que alude

¹⁰ Cujas etimologia vem de ‘coração’.

à variedade e ao número de referências superpostas em um lugar. Reforço, no entanto, que a amabilidade como conceito de dupla dimensão [social e física], com forte articulação com o eventual e com o social, não poderia adotar esta abordagem.

A amabilidade em nossas cidades

É possível identificar uma pluralidade de situações onde a presença da intervenção temporária já contribuiu para a manifestação da amabilidade. Poderia ilustrar brevemente a materialização deste novo conceito através de quatro casos referência, situados em três cidades: Rio de Janeiro, Barcelona e Girona. Os casos estão organizados em pares, em duas tipologias de intervenções temporárias distintas, que são as intervenções de *arte pública* e as *festas locais*. Ambas se enquadram na definição de intervenção temporária apresentada no início desse artigo [transitórias, pequenas, relacionais, participativas, ativas, interativas, subversivas e particulares], estando localizadas, em uma escala de tamanhos, entre os usos cotidianos e os grandes eventos.

Intervenções de arte pública

As intervenções temporárias de arte pública são eventos de intenções estéticas que têm como particularidade saírem dos espaços institucionais para tomar o espaço urbano, *buscando novas formas de interação com o usuário, assim como de diálogo com o espaço público*. Normalmente executadas através de iniciativas singulares de artistas, valorizam a criação e sua representação espacial, buscando a mudança do olhar em relação à cidade cotidiana, através de intervenções *sitespecific* em paisagens pouco valorizadas ou esquecidas.

No universo das intervenções de arte pública existentes nas cidades pesquisadas, optei por analisar os eventos Arte de Portas Abertas, em Santa Teresa, Rio de Janeiro, e Girona em Flor, em Girona, Espanha. O Arte de Portas Abertas nasce a partir da discussão contemporânea sobre arte e cidade, relacionando-os em prol do processo de revitalização do bairro de Santa Teresa. Girona em Flor, por sua vez, apesar de ter como origem a exposição tradicional de flores, passou por um processo de evolução que a transformou notavelmente, adquirindo as feições contemporâneas da arte pública, que são as que recentemente a projetam.

Arte de Portas Abertas

Frequência: Anual. **Suporte espacial:** Espaços públicos tradicionais em morro histórico. **Impulso:** Reverter o quadro de violência que marcava a imagem do bairro. **Intenção:** Arte pública como agente de revitalização urbana. **Agentes:** Múltiplos atores: coletivos de arte + moradores locais + iniciativa privada. **Período de duração:** 4 dias [2 fins de semana].



Figuras 6 e 7. Eventos *Arte de Portas Abertas* e *Girona em Flor*
(Fonte: autora)

O *Arte de Portas Abertas* é um circuito cultural voltado prioritariamente para as artes visuais, que movimenta o espaço público e subverte os conceitos de público e privado no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Trata-se de um projeto de Arte Pública que reúne a ação de abertura coletiva de ateliers para visitação pública -que permite a ampliação do espaço público para dentro dos espaços privados- com intervenções *sitespecific*¹¹ nos espaços

públicos -nas quais a arte sai dos ateliês para tomar o espaço público, significando sua expansão de forma a ocupar o lugar da cidade e da coletividade.



Figura 8. O Morro de Santa Teresa na cidade do Rio de Janeiro.

(Fonte: Google Earth)

Avaliando a relação intervenção-lugar, algumas vantagens de um bairro peatonal como Santa Teresa são a possibilidade do ritmo lento, favorável às atividades ligadas à arte, e o caráter 'doméstico' do centro do bairro, com um contínuo edificado de casas antigas, ligadas diretamente à rua, e pequenos espaços públicos. Os bares e

restaurantes são pequenos e acolhem grupos reduzidos, dotando o bairro de forte caráter de vizinhança e proximidade. O somatório das características do lugar, como a tranquilidade, a possibilidade de caminhar, a peculiaridade do bonde que corta o bairro, o

¹¹ Específicas a determinado contexto.

movimento das ruas e a possibilidade de encontros, resulta em um espaço potencialmente atraente para a dinâmica da intervenção.



Figuras 9 a 12. O bonde. A arquitetura diretamente ligada à rua. Os pequenos espaços públicos. O contínuo edificado de Santa Teresa
(Fonte: autora)

A amabilidade como qualidade urbana tem como manifestação mais evidente a *conexão entre usuário-morador/artista*, permitida pela abertura dos ateliers ao público. Essa *relação de intimidade* entre a comunidade [visitante-morador] é fundamental para que a intervenção temporária se sustente ao longo do tempo, pois é ela a razão de sua existência.



Figura 13. Ateliers de portas abertas, abrindo a intimidade do lar: conexão pessoa-pessoa
(Fonte: autora)

Por outro lado, a intervenção temporária em Santa Teresa valoriza os atributos físicos do lugar, fazendo do espaço algo ainda mais amável. Muitos dos espaços coletivos que sofrem intervenções artísticas, na vida cotidiana do bairro passariam despercebidos pela população, e a intervenção de arte, nesse sentido, *faz com que venha à tona a sua forma*. Sobretudo, os novos lugares descobertos pela intervenção e que lhe dão o caráter, como os espaços privados abertos ao público, permitem a *forte conexão pessoa-espaço*, abrindo para a cidade novas visadas, novas espacialidades e novas experiências urbanas.



Figuras 14 e 15. Rua de Santa Teresa no cotidiano e mediante a intervenção: intimidade nos novos espaços coletivos.
Conexões pessoa-pessoa e pessoa-espaço
(Fonte: Google Earth)

Girona em Flor

Frequência: Anual. **Suporte espacial:** Espaços públicos tradicionais em centro histórico. **Impulso:** Associações locais. **Intenção:** Arte floral nos espaços da cidade antiga. **Agentes:** Sociedade civil: associações cívicas e artistas com apoio da prefeitura. **Duração:** 1 semana.



Figura 16. Estrutura urbana do centro histórico de Girona
(Fonte: Google Earth.)

Girona em Flor é uma intervenção de arte pública originária de exposições realizadas dentro de espaços fechados, que há 25 anos transbordou para os espaços públicos, intervindo na estrutura urbana do centro histórico da cidade de Girona. Consiste em uma exposição de arte floral que se apropria durante uma semana das três tipologias de espaços históricos existentes: os edifícios singulares, os pátios internos residenciais e os espaços públicos.

A propósito da relação intervenção-lugar, os espaços apropriados pelo evento têm diferentes características, que, somadas, compõem a imagem da cidade e a tornam potencialmente atraente para a intervenção: [A] Os edifícios monumentais singulares, normalmente espaços acessíveis à população e referências urbanas e simbólicas para a cidade, são ocupados com exposições, transformando sua função durante os sete dias do evento, e permitindo diferentes e novos olhares sobre seu espaço; [B] Os pátios internos, normalmente inacessíveis e desconhecidos para a população, são abertos e ocupados com instalações de arte, sempre explorando suas características espaciais específicas; [C] Os espaços públicos, como ruas, praças, jardins e escadarias, a 'cola' da cidade, são apropriados com diferentes intensidades, sendo os pontos fortes as intervenções nas escadarias e nos jardins, sempre mais espetaculares devido a seu porte. As ruas estreitas e sinuosas que levam a pequenas praças e conectam todas as demais partes, por seu traçado, permitem novas e surpreendentes visadas do centro histórico.



Figuras 17 a 20. Exposições dentro de edifícios singulares. Intervenções nos espaços públicos. Pátios residenciais na cidade cotidiana e mediante a intervenção
(Fonte: autora)

A amabilidade, como qualidade urbana que surge a partir da intervenção temporária, se manifesta em todo o espaço coletivo do lugar, *que muda de forma*, [re] aparece ou ganha relevo enquanto submetido à intervenção, em todas as suas escalas. Detalhes da cidade cotidiana, triviais e desimportantes, ganham valor com as intervenções. Espaços abandonados são recuperados. Pátios desconhecidos se abrem. E toda essa rede, amável, envolve o visitante e o morador, apresentando-lhes sempre uma outra cidade, e *criando novas relações pessoa-espaço*.



Figura 21. Espaços coletivos antes e durante a intervenção: a nova cidade se revela ao público. Conexão pessoa-espaço
(Fonte: autora)

A intervenção de arte pública, em si mesma, é uma componente de amabilidade, uma vez que a *interação com o pedestre está na essência da intervenção sitespecific*. Através da intervenção, é possível estabelecer *uma rede de conexões entre os próprios usuários*, em todos os espaços onde a intervenção se faz presente, sempre mediadas pela surpresa e pela potente imagem estética proporcionada pela intervenção.



Figuras 22 e 23. Rua de Girona no cotidiano e mediante a intervenção: conexões mediadas pela arte.
(Fonte: Google Earth)

Festas locais

As festas são acontecimentos urbanos que *rompem com o ritmo cotidiano e introduzem novas apropriações do espaço coletivo*, diferentes das habituais, dotando-o, geralmente, de novos significados. Além da transformação temporária da paisagem, através delas promove-se a aproximação de pessoas, incentivando a coesão social, que, em sua configuração habitual, a cidade não costuma alcançar, criando assim uma identidade local compartilhada (Pujol, 2007, p. 29).

Existente desde a origem das cidades, a festa ressurge, no século XXI, como uma reação ao individualismo e alienação pós-modernos, representando a reconciliação provisória dos contrários: ritual e espontaneidade, tradição e licença, religiosidade e profanação, caos e criação, ordem e desordem. Joan Soler (2001) coloca como constituintes da festa alguns aspectos: a festa marca os parênteses no ritmo do trabalho; representa uma oportunidade de libertação; comporta gratuidade, abundância e alegria, em oposição ao utilitarismo pragmático; dá outro sentido e valor ao tempo, mesmo que efêmero; vincula os membros de um grupo e regenera a identidade; segue algumas regras e protocolos, sem tirar a espontaneidade, a dimensão dramática e a imaginação criativa; é contrária à passividade e ao distanciamento [é essencialmente participativa], é um ato de consciência e cria um entorno estético e lúdico. A soma desses aspectos evidencia a sua intenção transformadora.

No universo das festas celebradas nas três cidades, optei por trabalhar com a Festa da Penha, no Rio de Janeiro, e a Festa de Gracia, em Barcelona. Ambas falam de resistência e dão relevo às atitudes de reconquista do espaço público, seja para suporte dos usos festivos, seja para novas apropriações por atividades inusitadas, como as refeições de rua, que, no caso da Festa de Gracia, funcionam como um teste para a versatilidade e reversibilidade do espaço público.



Figuras 24 e 25. Festa da Penha [Lavagem da Escadaria] e Festa de Gracia [refeições comunitárias]
(Fonte: autora)

Festa da Penha

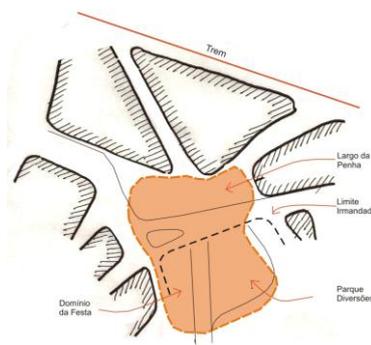
Frequência: Anual. **Suporte espacial:** Largo, ruas e escadarias de bairro suburbano. **Impulso:** De cunho religioso, vem das peregrinações desde a criação da ermida. **Intenção:** Celebrar a Santa e socializar. **Agentes:** Irmandade [promotora da festa], com pequeno apoio do poder público, de empresas e da hierarquia religiosa. Comissão de moradores. **Duração:** 4 ou 5 fins de semana do mês de outubro.



Figura 26. Estrutura da área de intervenção da festa
(Fonte: Google Earth)

A motivação original da Festa da Penha, localizada no bairro da Penha, Rio de Janeiro, é religiosa. Tudo começou devido às peregrinações à antiga ermida localizada no alto da colina, onde hoje reside o santuário. As romarias ao local ocorrem desde 1713, quando peregrinos sobem os 365 degraus abertos na pedra que levam à igreja, a fim de agradecer as graças alcançadas ou rogar por seus entes queridos e participar das festividades.

Apesar de o caráter religioso dar os contornos oficiais ao evento, a Festa da Penha na verdade são duas. A originária, de cunho sagrado, acontece predominantemente 'em cima', e a festa 'profana' e divertida é celebrada 'embaixo'. É lá embaixo onde a cidade pulsa, onde o espaço público é apropriado por diferentes atividades, dotando a festa de um caráter cultural que vai além da religião, marcado pela música, pela capoeira, entre outras práticas populares espontâneas. A união das duas festas se dá através dos percursos dos usuários, sejam romeiros ou participantes em busca de diversão.



Figuras 27 e 30. Santuário N. S. da Penha. Largo da Penha na vida cotidiana. Procissão da festa da Penha. Largo da Penha como espaço principal da festa (Fonte: autora)

Avaliando a relação intervenção-lugar, a festa tem como centro irradiador o santuário, que através do tempo foi ampliando os espaços de apropriação por sobre o tecido do bairro. Nesse sentido, o Largo da Penha, por suas características espaciais, se mostra como um espaço potencialmente atraente para a dilatação da festa religiosa na 'cidade'. Pelas características topográficas peculiares do sítio, é impossível imaginar a realização da festa em outro local, sendo notória a contaminação que o lugar exerce na forma a mesma.



Figura 31. Largo da Penha durante a intervenção: conexões pessoa-pessoa (Fonte: autora)

A massa de participantes concentrada pontualmente no Largo da Penha revela a potência da intervenção temporária como ferramenta para desencadear uma gradual transformação urbana, *intensificando as relações de vizinhança, a intimidade [relação pessoa-pessoa]*, bem como o sentido de pertencimento ao lugar e à comunidade, conjunto de conexões que culminam na qualidade urbana que aqui denomino como amabilidade.

A intervenção, ademais, faz com que surja *um novo lugar na festa*, cotidianamente oculto pelos fluxos de veículos e pessoas, pelo comércio informal e pela desordem urbana: um grande largo que é a mistura de parque de diversões, sala de jantar, mercado e casa de shows, criando uma *nova relação pessoa-lugar*. Esse espaço, emblemático do passado da festa volta a romper a escritura cotidiana do bairro, revelando-se como um lugar amável ao uso e à vida compartilhada.



Figuras 32 e 33. Largo da Penha no cotidiano e mediante a intervenção: a intervenção muda a leitura dos espaços. Conexões pessoa-pessoa e pessoa-espaço (Fonte: Google Earth)

Festa de Gracia

Frequência: Anual. **Suporte espacial:** Ruas e praças tradicionais do bairro de origem suburbana.

Impulso: Comunidade local. **Intenção:** Valorização da vida comunitária do bairro. **Agentes:** Moradores, artistas, associações culturais. **Duração:** 7 dias.

A Festa de Gracia, que se celebra neste bairro barcelonês durante o mês de agosto, é uma celebração aberta à cidade, participativa e organizada por moradores, que transformam de forma efêmera, coletiva e criativamente o espaço diante das casas, transformando temporariamente a realidade das ruas. Celebra-se há quase dois séculos, tomando emprestadas as duas tipologias de espaços existentes no bairro [as praças e ruas], subvertendo a rigidez das posturas públicas e permitindo novas interpretações dos espaços da coletividade.



Figura 34. Estrutura urbana do bairro de Gracia (Fonte: Google Earth)

O êxito da festa está, em grande medida, relacionado ao tecido espacial do bairro, composto por espaços coletivos de escala reduzida e familiar, uniformidade morfológica, uniformidade arquitetônica que constitui verdadeiras ruas corredores, continuidade e limpeza espacial, inexistência de barreiras urbanísticas, e neutralidade do plano suporte. O conjunto resulta em um espaço potencialmente atraente que funciona como receptáculo perfeito para os propósitos da festa.



Figura 35 e 38. Tecido homogêneo. Praças retangulares e neutras. Ruas e praças durante a intervenção (Fonte: autora)

Independente de se tratarem de conexões temporárias travadas durante a celebração da festa, ou laços comunitários sólidos e permanentes, a intervenção temporária, aqui representada pela festa, é uma forte propulsora da amabilidade. Afinal, o que significa o termo ‘fim de festa’, *senão as novas conexões ou inter-relações criadas?* A festa revela-se como a intervenção temporária mais potente no caminho do legado da amabilidade urbana, pela sua *capacidade de criar encontros e reforçar o sentido de coesão entre os habitantes.*



Figura 39. Refeição coletiva durante a festa: conexão pessoa-pessoa (Fonte: autora)

O espaço físico do bairro, já bastante atraente na vida cotidiana por suas pequenas dimensões, uso residencial e domínio do espaço coletivo pelos pedestres, através da intervenção temporária *ganha uma nova escritura espacial.* Os túneis adornados, refúgios amáveis, são salas de estar, playgrounds, refeitórios... a rua vira casa e acolhe o visitante. A amabilidade está na

conexão entre as pessoas, mas também está na conexão destas com o espaço físico, reinventado temporariamente e marcado permanentemente na vida coletiva do lugar.



Figuras 40 e 41. Praça de Gracia no cotidiano e mediante a intervenção: mudança na leitura do espaço. Conexões pessoa-pessoa e pessoa-espço
(Fonte: Google Earth)

Após todas essas experiências, poderia interpretar que a amabilidade, como qualidade que surge da apropriação do espaço por suas características potencialmente atraentes, e pelas conexões resultantes dessa apropriação, embora pareça a priori um conceito intangível, costuma ser fisicamente visível como resultado de determinadas ações, ou intervenções temporárias, praticadas no espaço da coletividade.

Considerações finais

Este trabalho traz a contribuição do tema da amabilidade urbana como qualidade do espaço da intervenção. Ela pode ser verificada quando a conexão entre pessoa-pessoa promove a redução do espaço pessoal cotidiano entre elas, trazendo uma diferente atmosfera [de intimidade] para o lugar. Verifica-se, da mesma forma, na conexão entre pessoa-espço, quando este último se revela, diferente, novo, original e amável, possibilitando os novos olhares e experiências urbanas de seus usuários. Já diria Paola Jacques (2008, p. 1):

A cidade não só deixa de ser cenário, mas, mais do que isso, ela ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada, se torna 'outro' corpo. Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse 'outro corpo urbano' pode surgir outra forma de apreensão urbana e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea.

Como resultado dessas reflexões, volto a definir que a amabilidade é a qualidade urbana que surge da articulação entre as características físicas do lugar, as intervenções temporárias que ocorrem sobre este espaço e as pessoas que o utilizam e se conectam, surgindo, portanto, da articulação entre as dimensões física, temporal e social.

Para terminar, enfatizo que não defendo a amabilidade como uma qualidade do cotidiano, advogando que todo dia deve ser um dia de intervenção. Defendo a intervenção temporária como uma ruptura positiva do cotidiano, e a amabilidade como a ruptura de hábitos individuais cristalizados no espaço coletivo, e que ambas não podem existir sem o pano de fundo do cotidiano. Há que se construir o tangível [espaços coletivos que permitam intervenções temporárias] para que a amabilidade tenha a oportunidade de manifestar-se na

cidade. Os arquitetos deveriam criar mais situações propícias para intervenções temporárias, sempre visando a cidade como a reunião de espaços coletivos mais amáveis.

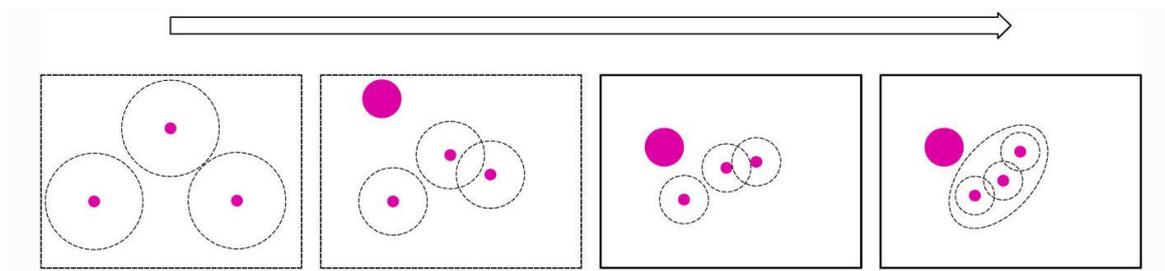


Figura 42. Construção da amabilidade
(Fonte: autora)

Concluo, parafraseando o arquiteto Fabio Cruz, dizendo que as intervenções temporárias têm o valor e a importância de 'presentear a vida com o inesperado'¹². A boa vida tem algo mais do que simplesmente a dimensão do cotidiano, e a qualidade artística, festiva ou subversiva, que as intervenções temporárias aportam, corresponde a uma excepcionalidade na vida na cidade, um tempo especial em um espaço que se transforma. Não se vive só da satisfação das 'mundanidades', e, nesse sentido, as intervenções temporárias são as que presenteadam o 'inútil' que faz desse cotidiano algo pleno, original, e amável.

Bibliografia

- Alexander, Christopher *et al.* (1977). *A Pattern Language Towns, Buildings, Construction*. New York: Oxford University Press.
- Alexander, Christopher (1965). *La ciudad no es un árbol*. Barcelona: ETSAB, 1968.
- Bachelard, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.
- Benjamin, Walter (1982). *Passagens*. São Paulo: IMESP, 2006.
- Coutinho M. da Silva, Rachel (org.) (2006). *A cidade pelo avesso. Desafios do urbanismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley.
- Delgado, Manuel. (2008). Apropiações inapropiadas. Usos insolentes del espacio público en Barcelona. En Martí Peran (ed.), *Post-it City. Ciudades Ocasionales* (pp. 192-195) Barcelona: CCCB.

¹² Versão original da citação, que fala sobre a importância da poesia: "(...) La poesía regala a la vida lo inesperado", do arquiteto chileno Fabio Cruz, membro fundador do Instituto de Arquitectura de la PUCV, junto aos professores Alberto Cruz e Godofredo Iommi, entre outros, e que mais tarde dará origem à Escuela de Arquitectura da PUCV, em 1952.

- Frenchman, Dennis (2004). Event Places in North America: City meaning and Making. En Joaquin Sabaté, Dennis Frenchman and Mark Schuster (Eds.), *Llocs amb esdeveniments. Event Places* (pp. 37-40). Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya.
- Gehl, Jan (2004). *La humanización del espacio urbano. La vida social entre los edificios*. Barcelona: Editorial Reverté, 2006.
- Jacques, Paola Berenstein. (2008) Corpografias urbanas. *Vitruvius. Arquitectos*, 8. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/08.093/165>
- Jacobs, Jane (1961). *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Lefebvre, Henri (1992). *Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life*. Londres: Continuum, 2004.
- Lipovetsky, Gilles. (1989). *O império do Efêmero. A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras.
- Lynch, Kevin (1981). *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- Merlin, Pierre, e Choay, Françoise (1988). *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Pujol, Adrià (2007). Festejar la calle. *Revista Neutra*, 16, Sevilla.
- Sabaté, Joaquin; Frenchman, Dennis, y Schuster, J. Mark (eds.) (2004). *Llocs amb esdeveniments. Event Places*. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya.
- Santos, Milton. (2005) *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- Semmett, Richard (1994). *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- Shaftoe, Henry (2008). *Convivial Urban Spaces. Creating effective public places*. London: Sterling, VA.
- Solà-Morales, Manuel (2005). Para una urbanidad material. En Manuel Solà-Morales, *De cosas urbanas*. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.
- Soler, Joan (2001). *Cultura popular tradicional*. Barcelona: Pòrtic.
- Sommer, Robert (1973). *Espaço Pessoal. As bases comportamentais de Projetos e Planejamentos*. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo.
- Whyte, William H. (1980). *The Social Life of Small Urban Spaces*. New York: Project for Public Spaces, 2001.

Historia editorial

Recibido: 31/08/2011

Primera revisión: 26/01/2012

Aceptado: 16/03/2012

Formato de citación

Sansão, Adriana (2012). Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea. *URBS. Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales*, 1(2), 69-93. <http://www2.ual.es/urbs/index.php/urbs/article/view/fontes>



Los textos publicados en esta revista están sujetos –si no se indica lo contrario– a una licencia de [Reconocimiento 3.0](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/) España de *Creative Commons*. Puede copiarlos, distribuirlos, comunicarlos públicamente, hacer obras derivadas y usos comerciales siempre que reconozca los créditos de las obras (autoría, nombre de la revista, institución editora) de la manera especificada por los autores o por la revista. La licencia completa se puede consultar en <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/es/deed.es>.

Es responsabilidad de los autores obtener los permisos necesarios de las imágenes que estén sujetas a *copyright*.

Para usos de los contenidos no previstos en estas normas de publicación, es necesario contactar directamente con el editor de la revista.

